

Escapou dos bandidos e denunciou um deles

por José Daúdo Saide (G.C.S.)

9/11/84 N.

Um trabalhador da Aeronáutica Civil de Nampula, que no fim de Maio último esteve nas mãos de um bando de ladrões armados que actuam na Província e foi salvo pelas Forças Armadas, reconheceu um desses bandidos num machimbombo dos TPU e foi denunciá-lo à Polícia. Pedro dos Santos Assane, de 23 anos, na manhã do dia 12 de Junho, fez a denúncia aos polícias que prestam serviço no aeroporto de Nampula.

Naquele dia, cerca das 8 horas, Pedro Assane estava a aguardar na paragem da SOGFRE, na Estrada de Nova Chaves, a chegada de um machimbombo dos TPU que o levasse até ao aeroporto, seu local de trabalho. Estava nisto quando reconheceu o bandido que estava à espera do mesmo meio de transporte. Enquanto o machimbombo não chegava, Assane aproximou-se dele, cumprimentou-o e travaram uma conversa amena. Durante o diálogo, o reconhecido disse que também ia ao aeroporto, a fim de

comprar bolos no restaurante.

Quando chegaram ao destino, Assane dirigiu-se ao Posto da Polícia e comunicou às autoridades a presença de um bandido naquele local. Minutos depois ele e o estranho, este possuindo um documento do registo civil em nome de Paulo Varivano, natural de Nacala-A Velha, e uma guia-de-marcha falsificada foram conduzidos ao Comando Militar Provincial. Dali, foram encaminhados à Direcção de Segurança. No dia seguinte 13, conforme contou Assane, contrariamente às primeiras declarações que havia prestado, que diziam ser ele pescador

residente em Nacala e a caminho de Pemba, o bandido confessou pertencer aos bandos armados. Por outro lado, o criminoso adiantou que havia participado em vários actos de barbuidade nos distritos de Murrupula, Mogovolas e Nampula.

A HISTÓRIA

No dia 28 de Maio último, Pedro dos Santos Assane resolveu passar um fim-de-semana junto de seu cunhado, na Localidade de Namaita (a cerca de 30 km da cidade de Nampula, ao Sul). No dia seguinte, um domingo, às 8 horas, Assane e seu cunhado, sentados no pátio da casa, da estrada foram chamados por indivíduos desconhecidos.

Mal se apresentaram viram que eles estavam armados e que traziam sete «prisioneiros», amarrados, sendo cinco mulheres e dois homens.

Instantes depois, dois deles apoderavam-se de alguns artigos que os dois traziam (relógio de pulso, chapéu e duas camisas). Em seguida, aqueles homens procuraram saber se

Assane e seu cunhado eram agentes das Forças de Defesa e Segurança. E ali, as cinco mulheres foram despidas, depois espancadas e mandadas embora a correr.

De súbito, um carro militar levando alguns soldados das FPLM estacionou a um quilómetro do local onde estavam. Os membros das Forças Armadas de Moçambique abriram fogo durante cerca de duas horas em direcção àquele local. Logo, os maivados puseram-se a fugir em debandada, abandonando os quatro homens. Quando o fogo cessou, segundo revelou Assane, as nossas Forças tinham atingido mortalmente um ladrão armado e capturado mais um.

Os quatro «prisioneiros», então livres, seguiram outro rumo e foram ao encontro dos soldados das Forças Armadas. Assane foi levado à cidade de Nampula, onde retornou às suas actividades profissionais.

Daquele episódio, o jovem Pedro dos Santos Assane conservava na sua memória e nos seus olhos os terríveis rostos dos que, graças às Forças Armadas, não puderam pôr termo à vida dele e às dos outros três homens. Moviço pela sua coragem, quando os seus olhos alcançaram o rosto daquele que há menos de 30 dias vira integrado num bando de semeadores da morte, o seu ódio multiplicou-se e logo foi denunciá-lo às autoridades competentes.